



## A ética pentecostal e a idolatria do dinheiro: uma reação contra-hegemônica a partir das intuições de Emílio Conde

Pentecostal ethics and the idolatry of money: a counter-hegemonic reaction from the intuitions of Emilio Conde

Ismael Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa pretende discutir a ética pentecostal clássica e a idolatria do dinheiro, a partir das intuições de Emílio Conde (1901-1971), utilizando-se especialmente de seus escritos publicados entre os anos de 1930 e 1960, objetivando responder de modo provisório sobre as resistências teológicas desses textos ao “espírito” da modernidade ligado à idolatria do dinheiro nas Assembleias de Deus. Utilizaremos como principal referencial teórico a obra *Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos* do autor Jung Mo Sung, principalmente a sua crítica teológica à idolatria do dinheiro e o seu conceito de dignidade humana. Sustenta-se a hipótese de que, a partir das intuições de Conde, abrem-se alternativas para vislumbrar uma vida digna e feliz, para além do domínio do dinheiro, baseada num estilo de vida simples e modesto, sem imitação de consumo dos países ricos e altamente industrializados.

**Palavras-chaves:** Emílio Conde. Idolatria do dinheiro. Dignidade humana. Ética pentecostal.

**Abstract:** This research aims to discuss the classical Pentecostal ethics and the idolatry of money, based on the intuitions of Emilio Conde (1901 -1971), using especially his writings published between 1930 and 1960, in order to respond in a provisional way on the theological resistances of these texts to the "spirit" of modernity linked to the idolatry of money in the Assembly of God. We will use as our main theoretical reference the work *Idolatry of Money and Human Rights* by the author Jung Mo Sung, especially his theological critique of the idolatry of money and his concept of human dignity. The hypothesis that from Count's intuitions alternatives are opened to glimpse a dignified and happy life beyond the dominion of money, based on a simple and modest lifestyle, without imitation of consumption from rich and highly industrialized countries, is sustained.

**Keywords:** Emílio Conde. Money idolatry. Human dignity. Pentecostal ethics.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduado em História pela Universidade Nove de Julho (2013) e em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo - UESP (2019). Especialização em Ensino de Filosofia (2017). E-mail: ismaeloliveira1988@hotmail.com



## Introdução

Estamos assistindo na contemporaneidade a destruição da vida humana e de toda criação em um mundo governado pela ditadura do dinheiro, da ganância, do mercado e da exploração que levam ao empobrecimento de milhares de pessoas, exclusão social e profunda assimetria social e exige a adoção de novas crenças, práticas e valores pautados em outros modelos mais sustentáveis, sempre em valorização da vida humana e de toda criação, fundamentados na noção de dignidade da pessoa humana e de seu direito a uma vida digna, portanto, liberta de todas as formas de opressão e pobreza.

Muitas nações e igrejas na atualidade têm se ajustado à cultura idolátrica do dinheiro e, conseqüentemente, perdem o poder de resistência, protesto e transformação. Diversas igrejas aderiram à idolatria ao dinheiro, principalmente por meio da adesão à teologia da prosperidade. Nessa linha teológica, participar das bênçãos significa ter acesso aos bens que a sociedade propaga como caminho para uma vida digna e feliz.

Diante dessa nova forma de crer e vivenciar a fé profundamente em sintonia com a lógica do mercado industrial e financeiro, perguntamos sobre as resistências teológicas ao “espírito” da modernidade ligado à idolatria do dinheiro a partir das intuições de Emílio Conde<sup>2</sup> contidas em seus diversos escritos entre as décadas de 1930 e 1960. Sustenta-se a hipótese de que as suas intuições possibilitam vislumbrar uma vida digna e feliz para além do domínio do dinheiro baseada num estilo de vida simples e modesto, sem imitação de consumo dos países ricos e altamente industrializados.

Isso mostra que, na fissura dos discursos hegemônicos, sempre surgem vozes destoantes abalando a “perfeita ordenação” do sistema de interpretação dominante.

---

<sup>2</sup> Não se sabe ao certo a formação acadêmica de Emílio Conde (1901-1971). Segundo Joanyr de Oliveira, Walter Hollenweger em seu artigo *As Assembleias de Deus no Brasil* inserido na obra *Imagens da Assembléia de Deus*, informou que Conde fez doutorado em filosofia na França e estudou Literatura Francesa em Paris (OLIVEIRA, 1997, p.160). Conde era poliglota, conhecia bem o inglês e o francês. Com esses recursos logo se tornou o primeiro “intelectual ideólogo” da denominação, apóstolo da imprensa evangélica pentecostal no Brasil e espécie de representante-mor do movimento pentecostal nos meios sociais e evangélicos. Ele foi o primeiro a escrever o livro oficial de história intraeclesialístico das Assembleias de Deus sob o título *História das Assembleias no Brasil* publicado em 1960. Entre 1946 a 1958, Conde teve participação como representante oficial das Assembleias de Deus do Brasil nas Conferências Mundiais Pentecostais em Estocolmo, Londres e Toronto. Foi representante por essa mesma instituição em comissões da Sociedade Bíblica do Brasil. Foram mais de 30 anos de serviço nas Assembleias de Deus onde se tornou diretor do Mensageiro da Paz e comentarista de Lições Bíblicas da Escola Dominical nos anos 1959, 1960 e 1967. Tocava órgão e acordeom. Compôs 32 hinos da Harpa Cristã, sete deles em parceria. Mesmo não sendo pastor (por opção), foi secretário das Convenções da CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) em 1932 e 1933 (COSTA, 1985).



Algumas intuições de Emílio Conde, à sua maneira, são representativas desta quebra de discurso dominante ao se posicionar de forma crítica em relação ao “espírito” da modernidade ligado ao domínio do dinheiro que, em seu tempo, já se apresentava de forma incipiente por meio da valorização excessiva deste e ao *status* social através da exibição de crescimento numérico de membros e de suntuosos templos como sinônimo de sucesso.

Dáí a utilização do termo “contra-hegemônico” presente no título, em razão de seus impulsos se posicionarem de forma crítica ao modelo dominante vigente, embora oferecesse um caminho alternativo questionável pela exclusividade nas questões espirituais, de preocupação apenas com a “salvação da alma”, sem considerar outros aspectos da existência humana como a questão da opressão e da pobreza que fere a dignidade humana e, conseqüentemente, o direito de uma convivência na justiça e na igualdade.

Desse modo, ampliaremos a discussão em termos econômicos e sociais, também importantes para salvação do ser humano, principalmente no resgate de sua dignidade utilizando-se, sobretudo, das reflexões de Jung Mo Sung sobre o conceito de dignidade humana que consta em seu livro *Idolatria do Dinheiro e Direitos Humanos: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo* publicado em 2018<sup>3</sup>.

Portanto, esta pesquisa se concentrará nas intuições de Conde relacionadas à crítica do “espírito” da modernidade ligado à idolatria do dinheiro nas Assembleias de Deus, sem perder de vista que seus escritos visavam à edificação espiritual dos fiéis por se acreditar que alguns de seus impulsos foram úteis para a crítica do “espírito” da modernidade, mesmo que ele, talvez, não tivesse consciência disso.

Entre os vários escritos de Emílio Conde como *Asas do Ideal, O homem, Caminhos do Mundo Antigo, Flores do Meu Jardim, Tesouro de Conhecimentos Bíblicos* e *Estudos da Palavra*, serão utilizados os livros encontrados na internet em PDF e na biblioteca da UMESP, a saber: a *História das Assembleias no Deus no Brasil*

---

<sup>3</sup> No entanto, utilizaremos a versão de 2017 disponibilizada em PDF pelo próprio autor, exclusivamente para os mestrados em Ciências da Religião pela UMESP anterior à publicação no mercado editorial.



(1960), *Pentecoste para Todos* (1931)<sup>4</sup>, *O Testemunho dos Séculos: História e Doutrina* (1960), *Igrejas sem brilho* e *Nos Domínios da Fé*<sup>5</sup>.

Com vista a alcançar os objetivos propostos, o artigo será dividido em três momentos: no primeiro momento faremos uma breve reflexão sobre a ética pentecostal clássica que serviu de fundamentação para as intuições de Conde. Este pano de fundo ético-social ajudará a compreender a sua postura de oposição ao “mundo” pela via ascética que, diante da pobreza de muitos fiéis, garantiu-lhes um senso de dignidade diante de Deus. No segundo momento, discutiremos sobre a idolatria do dinheiro e a dignidade humana a partir das reflexões de Jung Mo Sung, que lançam luzes aos perigos dessa idolatria e seu impacto destruidor em relação à dignidade humana. Por fim, no terceiro momento, analisaremos as intuições de Emílio Conde e sua contribuição para a crítica do “espírito” da modernidade ligada ao predomínio do dinheiro como medida de todas as coisas.

### 1. A ética pentecostal: desenvolvimento histórico

As origens norte-americanas dos pentecostalismos brasileiros foram marcadas pelo fenômeno inter-racial no sentido de integrar negros, brancos, hispânicos, índios americanos cuja composição social era formada por *empobrecidos*, imigrantes e marginalizados. Grosso modo, o movimento pentecostal conhecido como *Missão da Fé Apostólica Azusa Street* (1906) realizado num barracão caindo aos pedaços em Los Angeles, Califórnia, ficou caracterizado pela quebra de barreiras racial, social e de gênero; *racial* pela inclusão de negros e brancos no mesmo espaço eclesial; *social* pelo acolhimento de imigrantes e empobrecidos; e de *gênero* pelo desenvolvimento de espaço para o exercício de liderança feminina (CUNHA, 2011, p. 37).

O próprio Willian J. Seymour (1870-1922) considerado o fundador do movimento da *Azusa Street* de 1906, era negro, filho de ex-escravos, cego de um olho e empobrecido. Analisando o pentecostalismo hispânico nas Américas, de acordo com Pablo Alberto Deiros e Everett Alan Wilson (2009, p. 394), “é inegável que o

---

<sup>4</sup> A primeira edição foi lançada em 1931. Porém, utilizaremos a 5ª edição de 1951 por não se encontrar disponível a primeira edição.

<sup>5</sup> Os livros *Igrejas sem brilho* e *Nos Domínios da Fé* não localizamos a data de publicação, mas é bem provável que tenham sido lançados entre as décadas de 1930 e 1960.



pentecostalismo se espalhou mais rapidamente entre pessoas que enfrentavam situações extremas de transição social”. Isso também se repetiu no Brasil: primeiro com a Congregação Cristã no Brasil em 1910 e, segundo, com as Assembleias de Deus em 1911<sup>6</sup>. Focaremos nesta última por ser o local social de onde Emílio Conde produziu os seus escritos.

No Brasil, as Assembleias de Deus (AD) em suas origens contavam com poucos recursos intelectuais e financeiros e com uma membresia em sua maioria esmagadora caracterizada pela pobreza e analfabetismo. A AD nasceu pobre, num contexto rural que acompanhava a situação socioeconômica do país com uma população majoritariamente empobrecida, mestiça e rural. Cresceu na esteira das ondas migratórias de migrantes seringueiros nordestinos que se instalaram na região Norte do Brasil aproveitando-se do auge do ciclo da borracha. Todavia, com o declínio em sua produção, esses migrantes tiveram que retornar para sua terra natal, disseminando entre parentes e círculos de amizade a mensagem pentecostal do Norte para o Nordeste, expandindo para o Sudeste e Sul (ALENCAR, 2013).

Nesse sentido, as Assembleias de Deus em seu começo, crescimento e expansão contaram com o esforço efetivo de migrantes empobrecidos. À época dos escritos de Conde, entre as décadas de 1930 e 1960, o quadro social era de perseguição imposta pelo catolicismo e protestantismo tradicional. As Assembleias de Deus estavam em fase de projeção no campo religioso ainda sendo vista com suspeita ou como uma seita perigosa composta por fanáticos que praticavam o exorcismo (ALENCAR, 2013).

No livro *Testemunho dos Séculos* de 1960, Emílio Conde expressa a sua rejeição ao “mundo” ou aos “prazeres mundanos” como teatro, dança e jogos de todos os tipos a exemplo dos pietistas<sup>7</sup> e puritanos<sup>8</sup> (CONDE, 1960b, p. 43) que incentivavam a busca por uma vida de santidade o que significava ruptura com “as coisas do mundo”, pois havia uma expectativa de uma eminente destruição do mundo ou volta de Cristo. Trajes

---

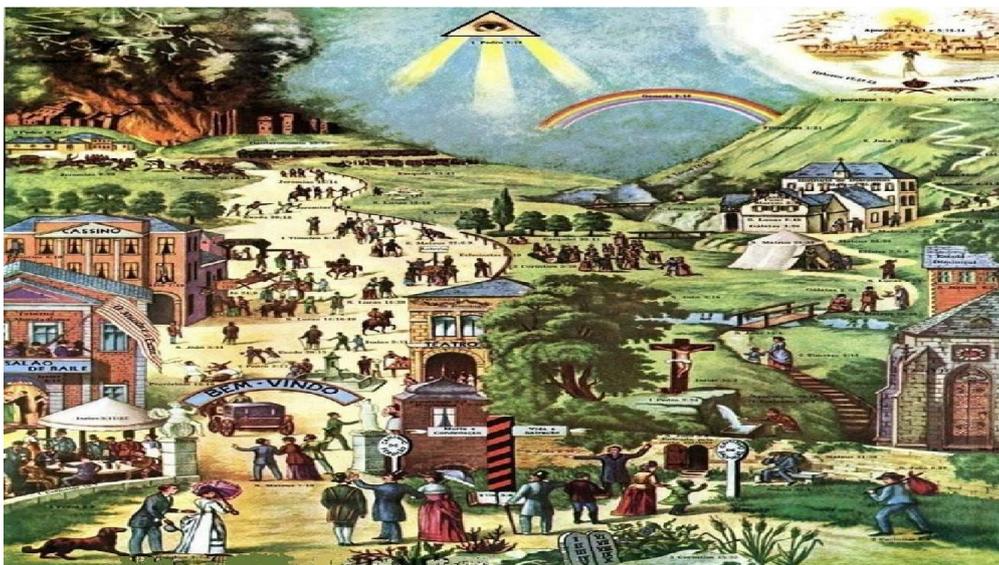
<sup>6</sup> No dia 18 de junho de 1911 funda-se a Missão da Fé Apostólica na casa de Celina Albuquerque na Rua Siqueira Mendes, 67, em Belém, designada ou registrada oficialmente Assembleia de Deus em 11 de janeiro de 1918.

<sup>7</sup> O pietismo foi a primeira reação à ortodoxia protestante ao fazer forte crítica ao seu formalismo e racionalismo. Seu principal líder foi o luterano alemão Philipp Jacob Spener (1635-1705), autor da obra *Pia Desideria* (1675). Foi através dos pietistas que Wesley teve a experiência do coração aquecido e, conseqüentemente, experimentou a fé salvadora em Aldersgate em 24 de maio de 1738.

<sup>8</sup> As características do puritanismo estão ligadas às proibições tais como: fumar, beber, jogar futebol, ir ao cinema, bailes, jogatina etc. Muito embora, essas proibições na contemporaneidade estão sendo flexibilizadas com muita resistência da velha guarda.

exagerados, maquiagens, penteados extravagantes, eram tidos como degradação moral e espiritual cujo autor era o diabo e, portanto, deveriam ser evitados. Uma gravura que reflete bem essa visão de mundo é *Os dois caminhos* ou *O caminho largo e o estreito*:

Figura 1 - A gravura “Os Dois Caminhos”.



Fonte: CAMPOS, Leonildo Silveira (2014, p.344).

Essa iconografia inspirada em parte no Sermão da Montanha (Mateus 7,13-14) apresenta ao ser humano dois caminhos possíveis de trilha rumo à eternidade: o “caminho da salvação” e o “caminho da perdição”. Este último tem como característica a largueza da porta e do caminho com diversas alternativas de diversão: salão de baile, cassino, teatro etc., tidos como símbolos do mundo e da carne. Aquele se destaca pela porta e o caminho estreito onde há um templo religioso, casas e pessoas trabalhando.

Valemo-nos como exemplo dessa gravura protestante pietista por representar de igual modo, resguardadas as devidas proporções, a cosmovisão pentecostal com seus traços pietistas. O estilo de vida do cristão presente no quadro e no discurso de Emílio Conde é de reclusão social: de casa para o trabalho e deste para igreja e, enfim, retorno para casa sem tempo para “distrações mundanas”.

A incorporação dos “usos e costumes”, entendidos como um conjunto de restrições impostas ao crente em relação à estética e ao comportamento, é uma clara manifestação de rejeição ao mundanismo e externalização da santidade. O mundo,



percebido como a representação do profano, é o lugar privilegiado do cristão dar o seu testemunho por meio da externalização de seu comportamento.

Em Paul Freston (1994) encontramos parte da explicação da negação dos pentecostalismos assembleianos frente ao cultural e social. Para Freston, a raiz desta negação está nas experiências dos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores das Assembleias de Deus (1911) que pertenciam a um grupo religioso minoritário duramente reprimido na Suécia cujo clero luterano possuía amplos poderes em questões de Estado. Como batistas, eles sentiram na pele a marginalização cultural e social. Essa relação emblemática com o poder estatal, que em tudo constrangia as coletividades religiosas minoritárias, teria forjado a formação dos missionários suecos e, como consequência, gerado uma postura de afastamento das demandas sociais e culturais. Acompanhemos a argumentação de Freston (1994, p.78)

[Berg e Vingren] desprezavam a Igreja estatal com seu alto status social e político e seu clero culto e teologicamente liberal. Desconfiavam da Social Democracia, ainda tingida pelo secularismo. Haviam experimentado um Estado unitário no qual uma cultura cosmopolita homogênea não permitia à dissidência religiosa a construção de uma base cultural capaz de resistir à influência metropolitana. Por isso, eram portadores de uma religião leiga e contracultural, resistente à erudição teológica e modesta nas aspirações sociais. Acostumados com a marginalização, não possuíam a preocupação com a ascensão social tão típica dos missionários americanos formados no denominacionalismo.

Essa influência do *ethos* suecos na visão de mundo e no modo de ser pentecostal não tem nos argumentos de Paul Freston a única explicação. O pré-milenismo também exerceu forte influência na interação dos pentecostais com a realidade concreta, principalmente no que tange à sua concepção negativa do desenvolvimento histórico.

Nesta perspectiva, o estabelecimento do milênio como período literal de mil anos de plena paz, justiça e arrependimento das nações, seria antecedido por grande sofrimento, depravação moral, afrouxamento das leis etc. A expectativa é que esse dia chegue o mais rápido possível através da “volta de Cristo” para implantar o seu reinado milenar de modo sobrenatural sem a participação do ser humano e, conseqüentemente, restabelecer a justiça e a paz (MENDONÇA, 2008).



Esse tipo de apocalipticismo, de crença na iminente volta de Cristo, com a reclusão social trazidas na bagagem de Daniel Berg e Gunnar Vingren, acentuou ainda mais o distanciamento dos pentecostais, em sua maioria, frente às demandas sociais, gerando, com isso, uma visão dualista do mundo: céu *versus* terra, Espírito *versus* matéria, igreja *versus* mundo, alma *versus* corpo, bem *versus* mal, crente *versus* gentio, Deus *versus* diabo e assim por diante. Afinal, não há tempo para perder com as coisas desta terra já que o mundo está fadado à perdição eterna. Daí a ênfase exclusiva nas questões espirituais ou da “salvação de almas” nos escritos de Conde, em detrimento de outras dimensões da existência humana. Para Antônio Gouvêa Mendonça (2008, p. 103-104)

O pré-milenarismo incompatibilizou a Igreja com qualquer atividade de melhoria social. A Igreja concentrou-se em salvar almas, em arrancar ‘tições da fogueira’[...] antes do breve retorno de Cristo. Muito crítico do Evangelho Social, o pré-milenarismo mostrou grande zelo na evangelização e nas missões estrangeiras [...] este tinha em mira o disciplinado de indivíduos para que o retorno de Cristo se abreviasse.

Essa proposição supracitada não é um mero adereço no corpo teológico-doutrinário das igrejas pré-milenaristas, entre as quais, as Assembleias de Deus, mas é o seu núcleo duro, o elemento central que se relaciona diretamente com a pregação, estilo de vida, evangelização, interpretação bíblica e relação igreja/sociedade. É dentro deste contexto de ascese espiritual que emergem os escritos de Emílio Conde. Afinal, “é em função desse lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam.” (CERTEAU, 2008, p. 67). O estilo de vida ascético dos pentecostais tradicionais de oposição ao “mundo” foi uma das formas encontradas para a defesa de sua dignidade diante de Deus num contexto de extrema pobreza e perseguição.

A pesquisa de Luís José Guadalupe (2017, p. 79) é muito elucidativa a respeito dessa dignidade dos pentecostais diante de Deus ao mostrar que os aspectos vivenciais e afetivos estão na base do trânsito religioso da maioria dos católicos para as igrejas evangélicas latino-americanas. Essa adesão é pautada, sobretudo, no encontro pessoal com Jesus Cristo que tem prazer de se relacionar com o ser humano. O fato do fiel se sentir amado por Deus lhe confere um senso de dignidade talvez não experimentado em



nenhuma outra esfera social, haja vista a maioria dos pentecostais pertencer à classe empobrecida.

Essa experiência religiosa tem na vivência comunitária o seu aprofundamento. Em outros termos, as pessoas são acolhidas pelos laços fraternais e se sentem importantes, visíveis e totalmente incluídas. Segundo Guadalupe (2017, p. 68) “*Ahora ya no solo tienen un ‘nuevo Dios’, sino también una ‘nueva comunidad’, en donde pueden profundizar su experiencia religiosa.*”. Essa experiência comunitária provoca na pessoa um senso de dignidade, visibilidade e pertencimento diante da impessoalidade e invisibilidade da vida, situada num contexto de capitalismo industrial e financeiro.

Harvey Cox (2015, p. 259-260) reconheceu o aspecto comunitário ou inclusivo dos pentecostalismos. Ele reconhece que os pentecostalismos ajudam as pessoas no resgate de suas dignidades no sentido de se sentirem importantes para Deus e serem portadores (as) de uma mensagem transformadora e vivificante (COX, 2015, p. 265), além de sua contribuição no fomento da cidadania ao permitir que todos os crentes participem ativamente da vida comunitária através dos dons concedidos pelo Espírito Santo.

Essa discussão de cunho ético-social nos permite entender o *modus operandi* de Emílio Conde e, sobretudo, sua postura de oposição à cultura de consumo materialista através de sua defesa ao modo de vida ascética, isto é, um estilo de vida mais simples no vestir e comedido no consumir sem espaço para luxo e exibicionismo. Isso gera nos fiéis um senso de dignidade diante de Deus sem depender da cultura de idolatria do dinheiro.

## **2. A idolatria do dinheiro e a dignidade humana**

Segundo Jung Mo Sung (2017), entre as muitas crises que vive o mundo globalizado atual, destaca-se a crise ambiental e a concentração de riquezas sem precedentes na história. Sung aponta que 1% da riqueza da parcela mais rica do mundo corresponde à soma da riqueza dos demais 99%. A acumulação de riquezas chegou a um ponto tão insustentável que instituições pró-capitalista como FMI e outras congêneres propõem tratar a questão com mais seriedade não em nome da justiça social ou dos empobrecidos, mas pela sobrevivência do próprio sistema capitalista global em



termos de eficiência e sustentabilidade. Esses questionamentos não têm sido levados a sério pelos detentores do poder financeiro os quais, ao que parece, não estão dispostos a renunciar o seu estilo de vida luxuoso nem em favor da dignidade humana nem pela sobrevivência do próprio sistema que o sustenta.

O desafio é relativizar o poder do mercado livre e desvelar a pretensão do capitalismo de recorte neoliberal de torná-lo absoluto e divinizado que se fundamenta no entendimento de que não existe dignidade humana e, por conseguinte, nem direitos sociais fora do mercado. Nessa lógica, a vida digna é comprada no mercado por meio do consumo de mercadorias sem nenhuma preocupação com os pobres e excluídos do mercado, os quais, em muitas ocasiões, não têm o mínimo para uma vida digna como moradia, alimentação, vestuário, educação (desenvolvimento de suas potencialidades), sistema de saúde de qualidade etc. (SUNG, 2017).

No sistema neoliberal, não há direitos humanos anterior, superior ou fora das leis do mercado desaparecendo, com isso, a noção de direitos naturais inerentes a todos os seres humanos conforme expresso na Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776) e Declaração dos Direitos Humanos da ONU (1948) que se fundamentam na noção de “sacralidade da vida” ou do ser humano como o critério último. Em outros termos,

A questão central na crítica do neoliberalismo não está na eficiência de produção de mercadorias para a satisfação dos desejos dos consumidores, mas na preocupação pelas condições de vida, de sobrevivência, de todos que pertencem à nação ou à ‘grande comunidade’ de seres humanos (SUNG, 2017, p. 48).

Na lei do mercado ou na sabedoria do mundo, utilizando aqui o pensamento de Franz Hinkelammert, *o que é* diz respeito ao consumidor com seu poder de compra no mercado e o que *não é* se refere aquele (a) que não tem dinheiro suficiente para acessar aos bens do mercado. Em outros termos, o pobre, que *não é* do mercado, acaba não tendo direito a uma vida digna e feliz. Mas segundo Hinkelammert, em alusão ao pensamento de Paulo, a lógica da sabedoria de Deus é diferente: “no fraco está a força, os eleitos de Deus são os plebeus e os desprezíveis, o que é é conhecido em sua vacuidade a partir do que não é” (HINKELAMMERT, 2012, p. 42). Nessa perspectiva, o cristianismo ou qualquer outro sistema religioso, faz sentido se pautar na sabedoria de



Deus a partir dos fracos e desprezíveis, isto é, do ponto de vista do que *não é* e não a partir do que é, pois o que é se revela a partir do que *não é*.

No cumprimento da lei do mercado encontra-se a injustiça, portanto, a morte dos fracos e desprezíveis que, além de ter dignidade e direitos negados, são culpabilizados e criminalizados. A lei do mercado atua pautada na cobiça que, segundo Hinkelammert, está no centro da análise de Paulo. A cobiça do mercado é a busca por lucro e pelo lucro a todo custo: essa é a lei inquestionável do mercado que fundamenta todas as suas ações. Nas palavras de Hinkelammert (2012, p. 42)

Essa cobiça não é, em absoluto, algo como um instinto ou inveja. Interpretá-la dessa maneira elimina toda possibilidade de crítica. Trata-se de uma ação racional ‘de acordo com a cobiça’ e que se torna ameaçadora precisamente por cumprir a lei e realizar-se no cumprimento dela (...) Essa subordinação do cumprimento da lei à cobiça-maximização quer do gozo, quer do capital e o dinheiro - é problema fulcral da crítica da lei apresentada por Paulo.

Na ótica da sabedoria de Deus, no cumprimento da lei do mercado se comete pecado ou injustiça, pois ela está pautada no lucro, na idolatria do dinheiro e não no amor ao próximo. Na ótica da sabedoria do mundo ou do mercado, a lei do mercado tem primazia sobre a vida. Em uma linguagem bíblica, a vida está em função do sábado. Nessa lógica, ao cumprir a lei comete-se injustiça, pois no cumprimento da lei os fracos e desprezíveis, que estão fora do mercado, são destruídos como resultado da lei da concorrência com sua exigência de lucro ilimitado.

A ética desse sistema é a da taxa de crescimento e do lucro. Para manter-se a maximização do capital, sacrificam-se vidas e toda a criação. Isto é, o próximo transforma-se no objeto da exploração em função da maximização do capital ou da cobiça. Desse modo, “o outro deixa de ser sujeito e, por esse motivo, deixa de ser o próximo” (HINKELAMMERT, 2012, p. 79-80). Com isso, abre-se caminho para se cometer todo e qualquer tipo de maldade contra o sujeito feito objeto de exploração e tudo isso no cumprimento da lei.

Porém, na lógica da sabedoria de Deus, todas as pessoas são tratadas com dignidade, especialmente os fracos e desprezíveis. A lei de Deus reconhece o outro não como objeto da cobiça, mas como sujeito e, conseqüentemente, como o próximo. Nas palavras de Hinkelammert (2012, p. 115)



O amor ao próximo exprime, então, o reconhecimento do outro como sujeito vivo no sentido do: eu sou se você é. Porque a existência desses explorados é o resultado de seu tratamento como objetos e, por conseguinte, como objetos de exploração – exploração que sem o respeito por essa fronteira que é o amor ao próximo, ocorre como resultado da consideração da lei como a lei do cumprimento.

A lei de Deus ou do Espírito é vida e paz, é a libertação da lei da injustiça que aprisiona a verdade. Segundo Hinkelammert (2012, p.105), trata-se de “um conflito entre o poder que aprisiona a verdade na injustiça e um movimento que tem de libertar a verdade de sua prisão” em que “a maldição da lei é tornar uma maldição todos aqueles que buscam a libertação” (HINKELAMMERT, 2012, p.111-112). Nesse sentido, Jesus se fez maldição para trazer libertação.

De volta à análise da ideologia neoliberal, esse tipo de ideologia ganhou força a partir de 1980. Isso significou a ruptura com o modelo anterior, a saber, com o mito do desenvolvimento que se sustentava na força do mercado, mas que preservava a noção de dignidade humana inerente a todas as pessoas e os direitos humanos universais garantidos pelo Estado, que era visto como parceiro na promoção do bem-estar social (SUNG, 2010).

Porém, com a ideologia neoliberal, a vida ficou em segundo plano e o mercado livre<sup>9</sup> ou o dinheiro passou a ser o critério último da existência ou a medida de todas as coisas, sendo elevado à categoria de divino e absoluto, e, portanto, inquestionável. É nesse sentido que, neste trabalho, aplicamos o termo “idolatria do dinheiro” que diz respeito a uma linguagem religiosa apontando para adoração a uma imagem-coisa (ídolo) como se esta fosse a realidade ou Deus. Isto é, a imagem ou representação é tida como o próprio Deus. Analogicamente, utilizaremos essa expressão para denotar o domínio do dinheiro ou do mercado livre sobre a vida humana e a sociedade.

Na atualidade, há uma inversão de prioridade. O dinheiro tornou-se a base da ordem social, o critério último da existência humana em detrimento daquilo que deveria ser a primazia: a vida humana; esta, pelo contrário, passou a ser sacrificada em nome da eficiência do mercado ou do lucro que tornou “o sentido último absoluto, metafísico e

---

<sup>9</sup> “Livre” no sentido de não intervenções e limitações por parte do estado e da sociedade, em função de direitos sociais e a justiça social.



todo o resto fica reduzido a uma discussão técnica de como alcançar esse fim” (SUNG, 2017, p. 71).

Em alusão ao pensamento do Papa Francisco, Jung Mo Sung (2017, p. 70) aponta que “a negação da primazia do ser humano sobre bens econômicos é o outro lado da moeda da criação de ídolos. A idolatria tem a ver com a inversão de prioridade ou primazia entre o ser humano e os bens econômicos.”. Mais adiante Sung afirma que

A idolatria do dinheiro, a versão moderna do ‘bezerro de ouro’, é a expressão de uma economia que mata, que inverte a relação da economia e vida humana; de uma economia que deixou de ser meio para vida humana e passou a ser um fim em si mesmo e rebaixou o ser humano a um instrumento, meio, para acumulação econômica. Essa inversão entre o sujeito e o objeto, entre o fim e o meio, tem o nome de fetichização ou de fetichismo. Fetichismo do dinheiro é quando o dinheiro deixar de ser um meio para vida humana e se torna fim em si mesmo, e a vida humana é reduzida a um instrumento de acumulação do dinheiro/capital. E quando o dinheiro se torna um fim em si mesmo começa a cobrar sacrifícios de vidas humanas. Dinheiro feito o valor absoluto que exige sacrifícios, na forma de exclusão e morte de pobres, é o que o Papa chama de idolatria do dinheiro. Assim como Jesus criticou os que servem a Mamón (dinheiro feito deus) (SUNG, 2017, p. 70).

Conforme indicam Hoffmann, Beros e Mooney (2017), no mundo, cerca de dois bilhões de pessoas estão empobrecidas e sendo sacrificadas sob o fetichismo do dinheiro. Do ponto de vista histórico, foi um longo desenvolvimento até a expansão da economia baseada no domínio do dinheiro e na propriedade privada desde a monetização da vida econômica no tempo dos profetas, passando pelo capitalismo comercial e usurário na época da Reforma Protestante até o capitalismo industrial financeiro na atualidade. Este último é marcado pelo individualismo exacerbado e impessoalidade, contexto do qual o ser humano é visto apenas como consumidor ou como uma peça nesta grande engrenagem do capitalismo moderno, ávido por lucro a todo custo.

O consumismo é um elemento central na compreensão do capitalismo financeiro contemporâneo. Seu foco de ação é o indivíduo enquanto consumidor que ganha cada vez mais notoriedade no mercado devido, especialmente, à customização de seus interesses independentemente de sua pertença religiosa, laços familiares e de amizade, alterando as estratégias de ofertas dos bens de salvação das diversas igrejas, sejam elas



de linha pentecostal (entre outras, as Assembleias de Deus) ou neopentecostais (entre outras, a Igreja Universal do Reino de Deus) (COSTA, 2019).

Esse acirramento no campo religioso possibilitou que as Assembleias de Deus ressignificassem os seus valores e práticas, especialmente a ética comportamental dos “usos e costumes” e se abrissem para novas tendências do capitalismo de consumo em atendimento às necessidades de sua “clientela” visando à manutenção, conquista e expansão de seu poder simbólico (COSTA, 2019). Neste sentido, o desafio desta pesquisa é, portanto, demonstrar que existe a possibilidade de viver uma vida digna e feliz para além da lógica do poder hegemônico vigente que se fundamenta na idolatria do dinheiro e no consumismo. É o que veremos a seguir.

### **3. Uma reação contra-hegemônica a partir das intuições de Emílio Conde**

A cientista social Cecília Loreto Mariz reconheceu que muitos pesquisadores (as) desprezam o poder de crítica e transformação social dos pentecostalismos em razão de seu rótulo de conservador e avesso à transformação. Em sua concepção,

A literatura tem subestimado o potencial crítico e transformador do pentecostalismo, porque a crítica pentecostal não é ao sistema econômico ou político, mas à moral e/ou à cultura, e ainda porque o pentecostalismo propõe primordialmente mudar o indivíduo e o mundo privado (MARIZ, 1994, p. 217).

Na contramão do determinismo social, os pentecostalismos valorizam o poder dos indivíduos enquanto agentes de transformação social. Com isso, percebemos que as intuições de Emílio Conde não dizem respeito à crítica do sistema econômico ou político, mas à moral ou à cultura vigente que analogicamente servem de impulsos para crítica do “espírito” da modernidade ligado à cultura de idolatria ao dinheiro que, em seu tempo, se mostrava de modo incipiente por meio do individualismo, exibição de templos suntuosos e crescimento numérico de fieis como marca de sucesso ou poder econômico.

Emílio Conde estava situado num contexto anterior à teologia da prosperidade, quando não se condenava o pobre pelo seu nível de pobreza econômico. Em seu tempo, “a mentalidade da AD carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das



primeiras décadas do século, de marginalização cultural, e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60” (FREESTON, 1994, p. 84).

Em seus escritos, Conde sugeriu que o caminho da felicidade era a “posse” das bênçãos de Deus em termos espirituais, isto é, do Batismo pentecostal (sinalizado em línguas estranhas) e dos dons do Espírito. O usufruto dessas bênçãos proporcionava ao fiel um senso de dignidade, pois mesmo pertencendo à classe empobrecida, sem contar com a presença do poder público de modo mais efetivo em seu cotidiano, se sentia amado e importante diante de Deus, principalmente ao receber as bênçãos espirituais que muitos intelectuais e ricos não possuíam. Na lógica condiana, parece que quando o cristão recebia a benção do Batismo no Espírito não lhe faltava mais nada, a vida se tornava plena e abundante, cheia de paz e alegria (CONDE, 1951, p. 51).

A vida feliz ou rica em Cristo expressa no livro *Os testemunhos dos séculos*<sup>10</sup> se baseia fundamentalmente numa vida espiritual mais elevada repleta do poder do espírito e de seus dons. Segundo Conde, o desejo dos fiéis, em sua maioria, era “possuir maior santificação”, desejo de ter a vida transformada pelo poder de Deus, pois “tudo neles era desejo de alcançar uma vida espiritual mais elevada. Desejavam comunicar aos outros a esperança de uma vida melhor” (CONDE, 1960b, p. 35), ou seja, de um estado de “corrompido” ou “imprestável” para uma vida de serviço ao próximo (CONDE, 1960b, p. 37).

Conde, citando o pastor G. R. Polman, em alusão ao avivamento da Holanda no século XX, assim se expressou:

Nos primeiros dias da nossa vida cristã, nós havíamos sonhado com o começo do Espírito Santo no Cenáculo e com a vida e obra dos apóstolos [...] sentíamos tão grande desejo em nosso ser, de uma salvação completa, e de sermos cheios do Espírito Santo, que sentimos haver alguma possibilidade de recebermos uma benção que satisfizesse a nossa necessidade. Desde a sua profunda necessidade, a nossa alma clamava a Deus e nada a podia satisfazer senão Deus. Ele fez tudo possível para que possamos ser inteiramente satisfeitos nele (POLMAN apud CONDE, 1960b, p. 56).

Desse modo, uma das maiores bênçãos, seguida da salvação, era receber o batismo no Espírito Santo em línguas estranhas e os dons do Espírito. As bênçãos não

---

<sup>10</sup> A intenção do livro foi “invocar o testemunho dos séculos, a respeito da repetição do Pentecoste, em todos os tempos, e mostrar que será real até a volta do Senhor.” (CONDE, 1960b, p. 82).



eram em termos econômicos como acúmulo de riquezas materiais, mas espirituais. O texto aponta que essas bênçãos eram capazes de satisfazer a “necessidade profunda” da pessoa. Isso mostra que a vida digna e feliz não consistia na posse de bens que o “espírito” da modernidade propagava por meio da ideologia neoliberal do livre mercado.

Conde narra, por exemplo, que a Suíça foi abençoada por Deus em razão de ter aceitado a mensagem pentecostal como a salvação de “almas”, batismo no Espírito Santo, santificação, cura divina e a segunda vinda de Cristo. Depois de anos da mensagem pentecostal sendo experimentada na Suíça, Conde chega à seguinte conclusão:

[...] em poucos anos a Suíça ganhou muitas bênçãos de Deus, aceitando a revelação da graça tal como era praticada na Igreja Primitiva, incluindo a Salvação, batismo no Espírito Santo, cura divina, santificação e segunda vinda de Cristo. A nação que aceitar a Palavra de Deus sem reservas, sem desconfiança e sem limitações a este ou àquele ponto, também receberá, centuplicado, bênçãos sem conta e proteção sem limites (CONDE, 1960b, p. 67).

Conde poderia fazer uma lista de recomendações para uma nação ser bem-sucedida a começar pela competência na gestão, orar pela paz de Israel, apelar para sacrifícios financeiros, obedecer aos mandamentos de Deus etc. Porém, para ele, o segredo para a nação alcançar as bênçãos de Deus e sua proteção consistia em aceitar a mensagem pentecostal do batismo e dos dons do Espírito. Mais uma vez, sem entrar em juízo de valor de sua insistência nas questões espirituais, as suas intuições mostram que é possível o indivíduo e toda a nação viver uma vida digna e abençoada para além do domínio do dinheiro ou da cultura de consumo capitalista.

No livro *Igrejas sem Brilho*<sup>11</sup>, Emílio Conde faz feroz crítica a uma vida de aparência ou de *status* ao inverter a ordem de importância da “vida” para as “coisas”. Para ele, “a igreja possui o mesmo nome de cristã, mas não tem a mesma vida; entretanto, a vida é mais necessária que o nome” (CONDE, s.d.a, p. 03). Conde criticava a forma de crescimento das igrejas que se limitavam aos aspectos quantitativos

---

<sup>11</sup> A proposta deste livro é fazer um comparativo entre a igreja primitiva e a igreja de sua época que supostamente se distanciou do modelo ideal ou primitivo com vista a incentivar a igreja de seu tempo a usar as mesmas estratégias da igreja primitiva para receber a mesma vida e o mesmo brilho que já não presenciavam mais.



e estéticos com templos suntuosos, mas sem os valores espirituais existentes na igreja primitiva como as manifestações do Espírito. Conde parecia ser contra todo tipo de exibição ou ostentação. Para ele, de nada serviria templos suntuosos se nele não houvesse vida e brilho, isto é, a presença do Espírito em liberdade. Em sua época, parecia ter havido indícios de mudança de desejo sendo deslocados para outros modelos de consumo ligados à cultura de consumo capitalista.

Conde acreditava que a vida cristã era de renúncia, de martírio, de abdicação de “todas as vantagens” por amor a Cristo. Em sua época, a maioria dos fieis pertencia à classe empobrecida com acesso restrito aos bens de consumo, restando apenas o consumo de suas necessidades básicas, como alimentação, vestimenta etc., sem possibilidade de compras de itens de luxo ou superficiais.

Conde utilizou de linguagem econômica para falar de realidades espirituais. Ele relata sobre uma espécie de capital emprestado por Deus para a igreja que não se refere ao dinheiro na conta bancária da igreja institucional ou de seus membros, mas trata-se de talentos, isto é, a fé, o testemunho e graça. O texto deixa claro que o que Deus esperava da igreja era que fosse luzeiro de primeira grandeza no contexto da vida, não em termos econômico-financeiro, mas “na ordem moral e espiritual” ligado ao amor e à santidade, isto é, no modo de viver (ordem moral) e numa vida ativa nas atividades de evangelização e na oração (ordem espiritual).

Nesse sentido, o sucesso de todos os empreendimentos não estava ligado à questão de estratégias de gestão eficazes, mas tudo se resolvia no plano espiritual (CONDE, s.d.a). Conforme já dito, não queremos julgar as suas soluções para os problemas concretos, mas o que nos interessa é detectar os seus impulsos que nos ajudam na crítica à idolatria do dinheiro, expressa no individualismo, exibicionismo e ostentação humana.

Conde era a favor de uma igreja que se sustentava para além das forças do dinheiro. Segundo Conde (s.d.a, p. 09 - *grifo nosso*)

a igreja que não estiver apoiada numa força superior à força de organizações, planos, programas, sabedoria e *dinheiro*, será uma igreja frágil aos olhos de Deus; esses poderes que enumeramos, apenas dão *brilho superficial* e, quando entram a funcionar, mencionam seus próprios problemas, em lugar de colocarem em primeiro plano a salvação dos pecadores.



Este texto é um grito de protesto contra o “espírito” do capitalismo financeiro do mundo ocidental ligado à idolatria do dinheiro que tem o mercado livre como medida de todas as coisas em detrimento de uma vida digna que, para Conde, tem a ver com a salvação da “alma” dos pecadores.

Conde foi capaz de denunciar o “espírito da modernidade” que se apresentava, entre outras coisas, na idolatria ao dinheiro, mas falhou em limitar as suas preocupações apenas à salvação da “alma” das pessoas e deixar de lado a salvação da vida humana em todos os aspectos de sua existência. Inclusive fugiram do raio de suas reflexões questões relacionadas às necessidades básicas do ser humano como alimentação, roupa e vestuário, aspectos importantes para uma vida digna. Como se preocupou apenas com questões de ordem espiritual, Conde não ampliou o seu horizonte para as questões de injustiças sociais, como se a conversão individual por si só fosse resolver os problemas sociais que têm a ver com as estruturas econômica, social e política injustas.

É claro que essa forma de lidar com os problemas humanos apenas nas questões espirituais tinha muito a ver com o seu local social, isto é, as Assembleias de Deus, que desenvolveram uma ética de afastamento do mundo e, conseqüentemente, de seus problemas relacionados à injustiça social. Conforme mencionamos, o apocalipticismo de crença na iminente volta de Cristo, com a reclusão social trazidas na bagagem de Daniel Berg e Gunnar Vingren, acentuou ainda mais o distanciamento dos pentecostais, em sua maioria, frente às demandas sociais, gerando, com isso, uma visão dualista do mundo conforme discutido anteriormente. Dentro desta lógica, não há tempo a se perder com as coisas desta terra já que o mundo está fadado à perdição eterna. Daí a ênfase exclusiva na “salvação de almas” em prejuízo da integralidade do ser humano e de sua atuação nas várias esferas sociais.

Em relação à idolatria do dinheiro, no livro *História das Assembleias de Deus no Brasil*, Emílio Conde reconheceu que forças superiores ao mercado financeiro levaram ao crescimento das Assembleias de Deus mais do que de outros grupos religiosos, destacando que esse crescimento vertiginoso ocorreu, apesar de contar com poucos recursos financeiros e intelectuais. Nas palavras de Conde (1960a, p. 07), “a única força em que os fiéis e dedicados cristãos confiaram para triunfar, foi a invencível força divina, a graça de Cristo, a confiança nas promessas de Deus e a certeza de que o Senhor estava ao seu lado para levá-los vitoriosos, até o fim”. A confiança de que Deus



estava ao seu lado davam-lhes um senso de dignidade e forças para encarar os desafios cotidianos para além das posses de bens materiais. Talvez esse senso de dignidade, apesar da pobreza, fosse um dos principais impulsos para que os fiéis se preocupassem com o próximo na esperança de que mais pessoas tivessem essa mesma experiência dignificante.

Fazendo alusão ao pensamento do papa sobre a “igreja pobre para os pobres”, Jung Mo Sung (2017, p. 13) sugere que na raiz da indiferença à injustiça social expressa na desigualdade social e exclusão social está a idolatria ao dinheiro, isto é, se faz da acumulação do dinheiro o sentido último e absoluto da vida humana e do sistema social. Como consequência isso gera a indiferença não apenas relacionada à salvação dos pecadores, conforme sugeriu Conde, mas aos sofrimentos dos empobrecidos que são condenados a viver uma vida aquém dos padrões da dignidade humana.

Para Conde, em referência à passagem bíblica de Zaqueu, o publicano, as riquezas espirituais têm mais relevância do que riquezas acumuladas. Nessa lógica, a capacidade de dizimar, ofertar, fazer sacrifícios financeiros ou o seu poder de consumo não é capaz de comprar a graça ou as bênçãos divinas na vida do fiel. Para Conde (s.d.a, p. 13-14)

O fator de progresso espiritual numa igreja não é a prosperidade material; não é a lembrança do passado; não é o orgulho de ser uma grande denominação; não é possuir muitos valores intelectuais. Todas essas luzes são luzes sem brilho, luzes que não alumiam, fume gam, mas não iluminam.

Interessante que na época da segunda edição do livro de história das Assembleias de Deus escrita por Abraão de Almeida em 1982, isto é, após a teologia da prosperidade ganhar notoriedade, o que se vê é justamente o acento na prosperidade material da denominação, o orgulho de ser a maior igreja evangélica do Brasil e de possuir um quadro de intelectuais renomados. Percebemos, com isso, certo tipo de deslocamento de perspectivas tendo como principais vetores a teologia da prosperidade e as novas realidades socioeconômicas como a ascensão social de muitos fiéis à classe média emergente. Em decorrência, houve a necessidade de acomodação à sociedade de consumidores. Pode-se inferir com isso que, ao alterar as condições socioeconômicas, muda-se a visão de mundo e a postura frente à realidade.



Na época dos escritos de Conde entre as décadas de 1930 e 1960, ele já havia percebido o crescimento das igrejas em número e em bens materiais e, inclusive, a utilização de métodos do mundo empresarial nas gestões eclesiásticas. Porém, fez um alerta: “a razão da chamada à fé era o desejo da parte do Senhor, de que essas igrejas voltassem a viver, a florescer e a crescer na ordem espiritual, e não somente na abundância e grandeza materiais” (CONDE, s.d.a, p. 17, 20). Para ele “as cifras não podem indicar o grau de espiritualidade [...] O avanço da igreja não pode constar de número [...]” (CONDE, s.d.b, p. 28), por mais que em sua época algumas pessoas apontassem que as maiores necessidades fossem melhores templos, muito dinheiro, uma ótima propaganda etc. (CONDE, 1951, p. 24).

Em alusão à pergunta de Paulo para comunidade de Éfeso “*Recebestes vós já o Espírito Santo?*”, Conde ressalta que a preocupação da igreja ou das pessoas não deveria estar ligada meramente às coisas materiais como dinheiro, bons templos, sermões eloquentes etc., mas ao batismo com o Espírito Santo (CONDE, 1951, p. 36). Para ele, “quem crê no Espírito Santo, na sua eficácia, não continua a depender do esforço próprio, de [...] campanhas, finanças, eloquência, belos templos etc.” (CONDE, 1951, p. 36). Conde parecia detectar as influências do “espírito” da modernidade na vida dos fiéis ao apontar que ela estava sendo guiada por interesses pessoais, posição social e pelo “eu”, deixando de lado a simplicidade do evangelho tal como se mostrava nos dias apostólicos que, para ele, entre outras coisas, significava o despojamento do ritualismo e formalismo (CONDE, 1951, p.40). Em outros termos, o evangelho não precisava se adaptar ao espírito da modernidade ligado à idolatria do dinheiro, mas à simplicidade do evangelho.

Para Conde, é a graça proveniente da aceitação incondicional da obra de Cristo que torna a luz incandescente ou a vida mais plena e não as nossas realizações, incluindo o dinheiro ou a capacidade de consumo de bens materiais. O que está em jogo aqui é a qualidade do relacionamento com Deus e com o próximo, isto é, sua capacidade de viver uma vida honesta sem prejudicar o próximo mesmo que isso venha significar prejuízos financeiros (CONDE, s.d.a).

A vida abundante não significa poder de consumo, mas sim uma vida solidária com o próximo e toda a criação. Desse modo, os critérios de bênçãos estão pautados em outro sistema de referência para além dos critérios do capitalismo de recorte neoliberal



que passou a ganhar projeção especialmente pelas mudanças socioeconômicas ocorridas no Brasil a partir dos anos de 1980, com a maioria da população ocupando as cidades e nelas foram sendo difundidos novos hábitos e valores em conformidade com a cultura de consumo capitalista sem espaço para uma vida de abnegação e de sofrimento.

O livro *Nos Domínios da fé*, conforme consta em seu prefácio, foi escrito para edificar vidas que estavam cansadas de sofrer. O sofrimento aqui não é aceito, mas é encarado de forma diferente dos adeptos da teologia da libertação que, por meio de um saber mais racionalizado, busca a sua superação através da destruição dos mecanismos de opressão socioeconômicos que alienam os pobres do usufruto dos bens produzidos por eles mesmos.

Por outro lado, os pentecostais, em sua maioria, geralmente protestam contra o sofrimento apelando às forças sobrenaturais, isto é, “às realidades dos domínios da fé” que, dentro desta lógica, não são descobertas através de uma apurada investigação no campo das ciências sociais, como acontece na teologia da libertação que utiliza de ferramentas teórico-metodológicas para investigar as estruturas sociais injustas com o fim de superá-las, mas são reveladas pelo Espírito Santo. Portanto, o problema da pobreza é enfrentado não em termos socioeconômicos, mas em termos morais e espirituais.

No livro *Nos domínios da fé*, Conde protesta contra as práticas esportivas que, por exemplo, deixaram de lado o seu lado benéfico de saúde e bem-estar como é a educação física, para atender a interesses puramente monetários. Para Conde (s.d.b, p. 10)

Aqui não vai nenhuma alusão à educação física, tão útil ao desenvolvimento da raça. O que aí fica diz respeito ao que imprópriamente alguns tratam de esporte, pois tudo se corrompeu e mergulhou no lodo das jogatinas e dos interesses monetários, fugindo, assim, à finalidade primitiva.

Conde destaca que “tudo mergulhou nos interesses monetários”, isto é, na idolatria do dinheiro. Propõe encontrar um meio de romper com o egoísmo que é capaz de roubar a felicidade e empobrecer a vida espiritual. Para ele, o caminho da felicidade está em ser altruísta, ser útil a Deus e ao próximo. Em suas palavras, “o sentido da vida é ação, portanto a vida cristã é experiência e realidade, é benção ao



alcance daqueles que na vida têm um propósito de ser úteis a Deus e ao próximo.” (CONDE, s.d.b, p. 12).

Nesse sentido, para receber as bênçãos, a *conditio sine qua non* é fazer bem ao próximo, pois “o prazer que se obtém com as riquezas que desconhecem o amor ao próximo não faz bem ao espírito, não engorda a alma, não alegra a Deus.” (CONDE, s.d.b, p. 13-14). Ou seja, o amor ao próximo precisa ser o critério para todas as ações e não a lei do mercado que só pensa no lucro. As ações do mercado que não consideram o amor ao próximo não alegram a Deus, pois causam destruição da vida humana e de toda a criação.

Conde, em uma narrativa beirando o ufanismo e romantismo, mas que ilustra bem aquilo que estamos propondo, faz uma citação bem interessante de um leigo metodista de Los Angeles sobre o avivamento da *Azusa Street*:

O orgulho, a exaltação própria, a altivez e o amor próprio, não podiam sobreviver, ali [...] O rico e o educado eram iguais ao pobre e ignorante [os cultos] tinham que começar em condições humildes para conservar-se fora do egoísmo, e de todos os elementos humanos [...] Todos pareciam ter as coisas em comum. (CONDE, 1960b, p. 115, 116).

Todos eram reconhecidos como gente independentemente de seu poder de consumo e erudição, já que “nenhum instrumento que Deus pudesse usar era desprezado por causa da côr, ou vestuário ou falta de cultura” (CONDE, 1960b, p. 114-115).

No livro *História das Assembleias de Deus no Brasil*, Conde também realça a preocupação com o próximo como centro das práticas missionárias, apesar da limitação às questões espirituais. Segundo a narrativa, Gunnar Vingren e Daniel Berg, homens simples, vieram para Belém do Pará em 19 de novembro de 1910 não com as mãos vazias ou indiferentes às necessidades do próximo, mas preocupados especialmente com que todos alcançassem a benção do batismo no Espírito Santo com vista a terem uma vida feliz e completa.

Para Conde, o sinal da benção de Deus não consistia em possuir bens materiais, mas em ter recebido as bênçãos do batismo no Espírito Santo (sinalizado por meio de línguas estranhas) e os dons do Espírito (CONDE, 1960a, p. 07). O desafio está, portanto, no abandono da lógica do predomínio destrutivo do dinheiro e no estabelecimento de relações solidárias e justas com o próximo, isto é, com todos os



seres humanos em situação de opressão e pobreza. A solidariedade entre as pessoas deve se sobressair aos instintos egoístas individuais.

Conde explica que, além do batismo no Espírito Santo proporcionar uma vida ativa e transformadora, ele leva o ser humano a viver uma vida altruísta de ações que beneficiam o próximo. O batismo do Espírito é uma experiência real que impulsiona um movimento de amor em direção ao próximo “em um novo desejo de viver para o outrem” (CONDE, 1951, p. 27-28) sempre disposto a agir de maneira dignificante e construtiva (CONDE, 1951, p. 60).

O espírito fraternal tem no Espírito uma fonte de inspiração. O livro *Pentecoste para todos* (CONDE, 1951, p. 11) apresenta o Espírito como o consolador (*Paracleto*), isto é, aquele que se coloca ao nosso lado para ajudar as pessoas em igualdade de condições, sem interesses, pelo simples espírito de fraternidade. E foi esse espírito fraterno que caracterizou as comunidades pentecostais.

De acordo com Jung Mo Sung (2017, p. 07), na sociedade vigente perdura a lógica de valoração humana baseado no sucesso econômico. Em outros termos, o valor ou importância da vida humana é medido pelo sucesso atingido, ou seja, quanto mais dinheiro a pessoa possui e exhibe, maior o seu valor perante a sociedade. É com base nesse critério econômico que o valor do indivíduo é comparado, medido e hierarquizado em relação aos seus pares. Neste sentido, o clima de competição se acentua e vencer torna-se uma questão de honra, pois significa afirmação do valor da vida humana.

Porém, na contramão deste argumento, Jung Mo Sung (2017, p. 07-08) afirma que o ser humano não tem valor e sim dignidade e esta não pode ser comparada, pois todos a possuem em igualdade, não podendo ser confundida com o lugar ou função social de uma pessoa. A função social diz respeito à hierarquia social indispensável para alcançar o objetivo de uma instituição. A clareza na distinção entre dignidade humana e função social poderá resultar em relacionamentos saudáveis onde o rico trata com respeito ao empobrecido em razão de serem iguais em dignidade.

Não obstante, mais do que clareza conceitual, é preciso tomar partido das pessoas a quem são negadas a sua dignidade. A dignidade humana é a base para os direitos básicos ou fundamentais de todas as pessoas. É por isso que, para Sung (2017, p. 07-08), é necessário ser igreja pobre, isto é, possuir um estilo de vida modesto, sem ostentação, e optar pelos pobres, isto é, ter como prioridade os empobrecidos sem



excluir os demais setores da sociedade, considerando todas as pessoas iguais em dignidade.

Em suma, apesar de reconhecermos a limitação da proposta de Conde ao se concentrar apenas em questões espirituais e deixar de lado questões econômicas e sociais, não deixamos de valorizar a possibilidade que suas reflexões abrem para se criticar a absolutização do mercado livre como única alternativa para viver uma vida digna e feliz.

### **Considerações finais**

Na atualidade, percebemos que a cultura de consumo capitalista tem exercido forte influência nas práticas religiosas à medida que muitas igrejas pretendem demonstrar seus valores ao exibir seu crescimento numérico, inauguração de templos suntuosos e megaeventos com presença de importantes figuras do mundo político como símbolos de sucesso.

Se nessa lógica, a vida abundante e o sinal da bênção de Deus significam poder de consumo, por outro lado, as intuições de Emílio Conde possibilitam pensar em critérios de bênçãos e de espiritualidade pautados na prática da solidariedade, da misericórdia, do perdão, do amor ao próximo e num estilo de vida simples e modesto para além do capitalismo materialista consumista.

Essa maneira de ver e viver a fé constitui-se em modelos que servem de crítica ao “espírito” da modernidade, marcado pelo individualismo exacerbado onde as amizades são pautadas em interesses escusos e não no livre amor ou na solidariedade, e a dignidade humana é baseada no quanto o ser humano é capaz de consumir, isto é, torna-se gente na medida em que consome mercadorias sem se considerar que, na perspectiva bíblica, todas as pessoas foram criadas à imagem e semelhança de Deus, portanto, iguais em dignidade, independentes se forem ricos ou pobres, brancos ou negros, homens ou mulheres, europeu ou latino-americanos.

### **Referências bibliográficas**

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2013.



CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os "dois caminhos"**: Observações sobre uma gravura protestante. Belo Horizonte: Horizonte, v.12, n.34, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 1960a.

\_\_\_\_\_. **Pentecoste para todos**. 5ªed. Rio de Janeiro: CPAD, 1951. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/exenne>.

\_\_\_\_\_. **O testemunho dos séculos**: história e doutrina. Rio de Janeiro, RJ: CEDI, 1960b.

\_\_\_\_\_. **Igreja sem brilho**. Rio de Janeiro: CPAD, s.d.a

\_\_\_\_\_. **Nos domínios da fé**. Rio de Janeiro: CPAD, s.d.b

COSTA, Jefferson Magno. **Eles andaram com Deus**. 3ªed. Rio de Janeiro: CPAD, 1985.

COSTA, Moab César Carvalho. **O aggiornamento do pentecostalismo**: as assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz - MA (1980-2010). São Paulo: Recriar, 2019.

COX, Havey. **O futuro da fé**. São Paulo: Paulus, 2015.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Pentecostalismo e movimento ecumênico**: aproximações e divergências. Estudos de Religião, v. 25, n. 40, jan./jun. 2011, p. 33-51. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/2399/2552>

DEIROS; WILSON. **Pentecostalismo hispânico nas Américas**. In: SYNAN, Vinson. *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Vida, 2009.

FRESTON, Paul. **Breve histórico do pentecostalismo brasileiro**. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUADALUPE, Luis José. **Entre Dios y el César**: El impacto político de los evangélicos en el Perú América Latina. Lima: KAS-IESC, 2017.

HINKELAMMERT, Franz. **A maldição que pesa sobre a lei**: as raízes do pensamento crítico de Paulo de Tarso. São Paulo: Paulus, 2012.



HOFFMANN, Martin; BEROS, Martin; MOONEY, Ruth. **Radicalizando a Reforma:** outra teologia para outro mundo. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 07-28.

MARIZ, Cecília Loreto. **Libertação e Ética:** uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir:** a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2008.

SUNG, Jung Mo. **Idolatria do dinheiro e Direitos Humanos:** uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. s.n., 2017.

\_\_\_\_\_. **Desejo, mercado e religião.** 4ª ed, São Paulo: Fonte, 2010.